

O Zezista



Director e Editor,
AMÉRICO ALVES FERREIRA

Quinzenário Humorístico - Literário

Secretário da Redacção,
AURÉLIO BARRROS MARTINS

Redacção e Admin.: Rua do Espírito Santo, 16 — GUIMARÃES ||| Comp. e impr. na Tip. do «Notícias de Fafe»: Rua Mgr. — FAFE

: DE TORNA VIAGEM :

Por aglomeração de serviços tipográficos, o «Zezista» perdeu-se pelos caixotins e só hoje conseguiu entrar aos componedores, passar ás provas de granel e, daí, à paginação.

Empastelado por momentos, misturado com cisco e pó, foi necessário que entrasse o fóle de função para o predispor a apresentar-se, ao grito dos arduos do «Pirilau» e «Correio do Minho», e grangear assim novas simpatias que se entranhem pelos espíritos da população vimaranense.

— Que morre?

— Mas, quem fala em morte?

A Morte é uma certezinha certa, e como estamos ainda muito novos, que morra quem disso tiver necessidade, e que nos deixe, e ao «Zezista», levar vida flauteada e prazenteira.

— Não faz rir?

Mas, lá por isso ninguém fica mal; o riso coceguento indis põe por muito demorado, e nós não desejamos ver ninguém rir alvarmen-

CONTRASTES

— In illo tempore, os engraxadores do Toural foram fardados por uma vereação camarária e apresentavam-se decentes, vestidos com um fato de ganga.

Hoje, dado o progresso porque está passando a nossa terra, os engraxadores andam em camisola, e, se não se apresentam em cuécas, é porque as manhãs estão frias, apesar de ainda esta quadra do ano ter o pomposo nome de verão.

— Enviar-se uma carta «toda amor» e receber-se em troca uma dúzia de sapatos bem puchados, como paga do «furo espreitado».

“... Olha o balão!”



Rodolfo
930

Ora vivam, meus Senhores!	Hoje, passo esta existência
Na berlinda eu cá estou...	A passear a minha terra,
Passados êstes calores,	E possuo a excelência
Venho dizer-lhes quem sou.	De a ninguém não fazer guerra.
Tal qual o judeu errante	Olho as raparigas boas
—(Eu sou daqui natural)—	—Consôlo do coração—
Fui p'ró Brazil, inda infante,	E se lhes digo umas lóas,
Regressando a Portugal.	Dizem logo, “... olha o balão!”

Este número foi visado pela Comissão de Censura

: DE TORNA VIAGEM :

te, antes, pelo contrário, pedimos só um sorrisinho de benevolencia.

Nem sempre a «leorna», o *chitsla* e a piada saiem com a felicidade que a muitos agradaria; há maré de marés, e a canicula que veio demasiado tarde, e trovejada, muito tem contribuido para nos pôr o sal na moleira, falhas todas as probabilidades duma refrescadela no *Selho*, por só haver areia neste rio, e impossível tambem aguentar o nevoeiro que pela noite marinha a cidade, dando-lhe o aspecto duma Londres húmida e fria.

Tudo tem andado invertido, e, não obstante lermos nos colossos de informação que na Inglaterra os seus habitantes morrem como tordos—tal a intensidade do calor que ali se tem desenvolvido—, no Portugal morre-se de tédio e dos saltos bruscos do clima.

E a prova é que o «Arranjinho» e o «Misturas» levam a vida atarefada e nos moiem o bicho do ouvido com os dobres a finados...

Razão imperiosa é bastante para que o «Zezista» tivesse ido até ás praias.

CONTRASTES

—A instalação duma bomba de gasolina «Atlantique» na rua Escura, junto da casa de penhores do J. Monteiro, no propósito de socorrer o automobilismo daquela importante artéria citadina.

—O aguçado apetite dos «Infalíveis» em tranpór a raia para gosarem uma noite em Vigo, e, como por encanto, acordarem em Viana do Castelo, sem chalretas nem castanhólas.

—O S. Cristóvam, da Penha, ter aderido à República, visto que a festa se realisa no 5 de Outubro, como que de pirraça ao menino «Cristo-rei».

Um caso a sério

¿ Porque se consente na abertura de Teatre Gil Vicente ?

Hoje, correm aí os programas anunciadores da abertura do barracão do Gil Vicente, onde pondera e domina o célebre *Cintrinho*, para apresentação da Companhia Stichini-Santos.

Segundo nos consta, esse teatro — teatro (?), que nojo... — foi condenado e para isso se nomeou uma comissão que já emitiu parecer sobre o assunto.

¿ Como conceber, pois, que se autorise o funcionamento duma casa de espectáculos que foi mandada encerrar ?

¿ Que espécie de privilégio é esse que bafeja o *Cintrinho*, a quem se dá mais aceitação que aos membros constitutivos da inspecção de vistoria ?

¿ O célebre *Cintrinho* vale mais que a própria autoridade ?

¿ Porque se não protesta e clama contra este favoritismo descarado que rebaixa e deprime aqueles cavalheiros a quem incumbir de emitir parecer sobre o bom ou mau estado do barracão ?

Não podemos deixar em claro a façanha.

Sem desprimôr para os artistas que se nos vão apresentar, somos forçados a impôr o nosso protesto contra quem consente a abertura duma estrebaria onde só as osgas, as pulgas e os piolhos teem pasto.

Pela nossa terra!

Por Guimarães!

Com que cara se apresentam em público o sr. Administrador do Concelho, o sr. Dr. Mário Dias, sub-delegado de Saude, o sr. José de Pina, o sr. Simão da Costa Guimarães, o sr. Major Castilho e o architecto, sr. Ferreira.

E' inconcebível admitir uma tão pouca consideração pelos nomes acima citados e pela gente da nossa terra. ¿ Que faz a Sociedade de Defesa e Propaganda de Guimarães ?

¿ Porque não reúne extraordinariamente e vai junto da Ex.^{ma} Autoridade protestar contra o ludíbrio de se ordenar o encerramento do barracão para agora consenar a sua abertura ?

¿ Quem autorizou o célebre *Cintrinho* a desrespeitar a decisão da comissão de vistoria ?

Haja decôro!

Haja vergonha!

Haja sentimento!

Haja amôr á terra!

Por Guimarães!

Pelo novo teatro!



DE PASSAGEM...

—Olá snr. Barbosa; cá estamos novamente.

—Oh! minha senhora, fôlgo imenso em encontrá-la outra vez por esta nossa terra. Cumprimentos, etc.;

—Então que me conta de novidades por cá durante estes quinze dias ?

—Olhe, minha senhora, «Novidades ? Só se fôr o «Xico» com as canetas «Endura».

—Então não há nada de novo ?

—Ai, de novo?! Trago o meu fato virado e até parece novo, não acha ?

—O' snr. Barbosa, o snr. hoje está a brincar comigo. Disseram-me lá na aldeia que Guimarães estava ás escuras ?

—Como sabe, eu não estou cá e... ah! sim, sim, Guimarães em vez de seguir o caminho... o caminho do progresso, retrocede

—Dizem ser uma questão entre o concessionário da luz e a nossa Câmara. Porém, nós é que vamos ficando ás escuras.

—E' uma vergonha, uma terra como a nossa, cotada em «nono» lugar entre as 35 cidades portuguesas, —continente— e quando todas elas estão a desenvolver-se, a progredir, tendo boa luz, boa água, pavimentação, limpeza, higiene, os pobres são asilados, os que não são da terra vão passear para onde quizerem, menos nessas terras onde se sente o progresso, a nossa continua a par de pímulas. Aqui é o que se vê, uma vergonha! O

touriste é massacrado com pedinchiches que nos faz supôr uma terra de miseráveis e esfarrapados.

As mulheres de má nota, campeiam livremente, —apesar de termos uma lei administrativa que acabou com a prostituição. As grandes terras, todas elas teem esse serviço devidamente regularizado. Guimarães é uma cidade e tem 15.000 habitantes...

—O snr. Barbosa está a falar bem, até que desembuchou! Dizem que houve outro dia uma desordem, muito grande, onde morreu um homem ?

—O' snr. Barbosa, o tal snr. *Papas Sopas* diga-lhe que não seja tão... sensível, que os rapazes não querem ofender ninguém, simplesmente querem divertir-se e é até ligar bastante importância ao homenageado da primeira pagina...

—Aquilo certamente é basôfia do homensinho. Ah! Ah! Ah!

—O' senhor Barbosa homensinho não!? *Snr. Grande, Inteligente e Via... judo.*

Adeus.

ZÉ TOMÉ

Opíparo Jantar

O Hotel do Toural inaugurou a sua nova sala de jantar, convidando para isso, além da imprensa, vários cavalheiros desta terra.

«O Zezista» não costumando entrar no regimen de banquetes, por ter o estômago muito pequeno, lá foi tambem.

—E' verdade, infelizmente. E' necessário tambem haver alguns exemplos, porque a autoridade é autoridade e portanto as leis são para se cumprirem e para se acalarem, embora muitas das vezes esses nossos guardas civicos não saibam ocupar o seu lugar, o que dá margem a certos abusos. Mas dessa vez desrespeitaram gravemente um desses guardas e ele defendeu-se conforme pôde.

—Coitadinho do homem lá foi. E deixa viuva e uns filhinhos, isso é que é pena.

—Ai não se perdeu nada minha senhora; éra necessário uma certa limpeza e de creaturas assim, está a Africa á espera delas para vêr se lhes abrandam os génios, que são bravos.

Hoje tenho pressa e portanto não posso estar a demorar-me muito, mas diga-me: no penúltimo número do «Zezista» diz que vinha lá pintado o *Mijão* e que deu muita sorte por isso? Diz que disse até: se o Director fôsse um jornalista, que lhe partia a cara: assim são uns bedamecos que nunca passarão da *Pisca*, e não está para lhes ligar importancia...

—Tem graça, então o homem marrou, hein!?

Que belo para um bom cavaleiro.

—Bem então adeus snr. Barboza e se não nos tornarmos a encontrar até d'aqui a quinze que é quando venho á *Bila*, quero dizer, á cidade.

Olhe e se encontrar o tal snr. *Papas Sopas* diga-lhe que não seja tão... sensível, que os rapazes não querem ofender ninguém, simplesmente querem divertir-se e é até ligar bastante importância ao homenageado da primeira pagina...

—Aquilo certamente é basôfia do homensinho. Ah! Ah! Ah!

—O' senhor Barboza homensinho não!? *Snr. Grande, Inteligente e Via... judo.*

Adeus.

ZÉ TOMÉ

Tratava-se dum melhoramento para a nossa terra, e quiz apreciar.

Comeu delicadamente, bebeu com propósito, e ficou satisfeito.

Ao Ex.^{mo} Snr. Paulino Ferreira os nossos parabens, e de esperar é que a freguesia procure a sua casa dado o conforto que ali se encontra.

«Veriman» e «Lita» ficam muito áquem do arriscado trabalho do nosso áz, pois nem pulso nem em elegancia dêste acrobata, se igualam.

Além destes números, pela noite, o tradicional *Jôgo-prêso*.

Além destes números, pela noite, o tradicional *Jôgo-prêso*.

Além destes números, pela noite, o tradicional *Jôgo-prêso*.

Além destes números, pela noite, o tradicional *Jôgo-prêso*.

Anedocta histórica

(Do livro de António Chaves)

ESTREITO AMOR

Quando Afonso de Albuquerque destruiu as cidades de Tamo, Angoxa e Brava, foram alguns cavaleiros seguir os bárbaros que fugiram pelos bosques. Jorge da Silveira encontrou-se com um moiro, que levava consigo uma bela dama, á qual recomendava que se puzesse em seguro enquanto ele combatia com o Silveira; porém ela abraçando-se com ele dizia animosa:

—Contigo quero morrer!

Notando esta generosa condenda, o português abandonou a luta, gritando aos seus:

—Deixemo-los, rapazes; nunca Deus permita que por mim se aparte tão estreito amôr.



Ler e propagar

«O Zezista»



Ensaio

Continuam com afan os ensaios para a festa do S. Cristóvam, a realizar nos próximos dias 11 e 12 de Outubro.

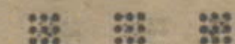
A *tonadillera* Vaz já sabe fazer a «manobra 28» e os concertistas Mourão e Zé executam a primôr o «ai que sarilho...»

Parece que haverá uma surpresa pelo insigne áz do volante «Garcia».

O segrêdo é muito, mas, segundo nos consta, trata-se duma escalada ao para-raios do Pio IX.

«Veriman» e «Lita» ficam muito áquem do arriscado trabalho do nosso áz, pois nem pulso nem em elegancia dêste acrobata, se igualam.

Além destes números, pela noite, o tradicional *Jôgo-prêso*.



Congresso

Antropológico

Como se realiza neste mês o Congresso Antropológico, de que há muito se fala; e como a esta cidade veem as primeiras sumidades de arqueologia da Europa, constanos que a nossa edilidade ordenou á camionette «A Fogueteira» para trazer de novos paralelepípedos que estiveram na antiga feira dos Cestos e espalhá-los pelas ruas citadinas afim de os sábios europeus indagarem se aquella calceta é ou não a mais recomendável para a pavimentação, pois como a cidade é a mais antiga de Portugal, aquela entidade administrativa tem suas dúvidas se deve ou não substituir a actual calcetaria pela moderna—não vá afectar o sentido histórico da Guimarães.



Fartum de música

Tal e qual como em praia de pescado, Guimarães tem tido um fartum de música que se compra por grosso e a retalho.

A casa dos discos «His Master Voice, entrou nesta cidade com armas e bagagens e pôs em alvoroço os amadores de música de realejo.

Ainda bem que trouxe «novidades».

Os discos que para aí se ouviam, tão estufados estavam, que a sua harmonia já se imitava a um grunhido de porco em estado de largar o tal apetecido—salvo seja!—*rojão do banco.*

Parabens ao snr. Chico das «Novidades» por ter metido mais esta lança nas... colónias.



Gustou mas foi

Até que enfim as nossas autoridades meteram nos eixos o garotio que vinha fazer estação de cura, a *banhos de sol*, junto ao Café Oriental.

O que foi feito agora, já o devia ter sido há muito.



Crónica de viagem

O passeio dos vimaranenses ás terras da Galiza

Visita aos Clubs — Invasão vermelha — Vocações — «Irmandade da Ópa»

(Do nosso enviado especial)

No passado dia 3 de Agosto realizou-se o passeio ás terras da Galiza com demora de 4 dias, realizado pelos nossos bons amigos João Rodrigues e José d'Oliveira que foram por assim dizer os verdadeiros cristos na realização deste passeio.

Depois de termos vizitado as nossas terras do alto Minho fomos de longada até ás terras espanholas, seguindo directos a Vigo.

Vigo é uma cidade moderna com bons hotéis e casinos.

Após a nossa chegada efectuou-se uma verdadeira peregrinação á busca de alojamento nos hotéis.

A tarde uma grande parte de excursionistas efectuaram as visitas a vários pontos da cidade e clubs «nabais» onde fomos recebidos com delírio pela colonia portuguesa.

Já maçados de passear fomos até aos aposentos do hotel *Viuva Frésco* que de *frésco* não tinha nada, ou por outra tinha muito, pela seguinte razão:

Quando já estávamos para principiar com o sono que nos havia de refazer da grande maçada da viagem, aparece-nos de embusca da uma verdadeira legião de *peles vermelhas*.

O meu colega de quarto A. Cabral, acordado pelos altos gritos de socorro do autor d'esta crónica.

Mas qual foi o seu espanto quando verificou que já estava a ser comido pelos antrópofagos que já lhe tinham devorado parte das barrigas das pernas.

Depois de termos empregado todas as nossas energias para fazer frente ao inimigo que altas horas da noite nos vinha pôr em desassoscego, fomos cair embrulhados em cobertores numa cadeira junto á janela onde, ao outro dia, o inspector do passeio J. Rodrigues, veio providenciar sobre o nosso estado desesperado.

No dia 4 seguimos para a Corunha com visita a Redondela, La Toja, Vila Garcia e S. Tiago.

Corunha só digo que é bela, terra muito adeantada em civilização. A policia muito educada, com os seus intérpretes que são aos cardumes.

No hotel onde jantamos ás 11 da noite, encontrava-se uma mesa com um grupo de nossos hermanos que depois de verificar que a nossa mesa se compunha de portugueses fizeram uma delirante óvação ao nosso país, a qual por nós foi retribuida ao som de grandes descargas de artilharia carregadas com *champanhe*, que por sua gentileza nos foi servido.

Durante este passeio foi muito apreciada:

A *Irmandade da ópa* com o seu vigario J. Monteiro J. que fez uma verdadeira entrada triunfal em Tuy com os seus 5 *acólitos*.

Também causou successo as vocações artísticas para tocar realejo dos nossos amigos M. J. Carvalho e J. Rodrigues.

Mais havia a dizer...mas fica para a próxima.

ZÉ MANÉL

Já apareceu

Já apareceu o musico que tóca contra-baixo na banda dos B. V. e que a mesma tinha perdido a quando da sua ida a Seixas.

Foram empregados para as buscas que se efetuaram para o encontrar 14.572 policias da nossa esquadra.

Ao nosso amigo senhor J. Guize os nossos cumprimentos.



Caracol ó Graxa?

Pelas novas disposições administrativas, não é premittido os engraxadores estacionarem com o seu piano junto aos passeios da nossa Praça.

Bom é, não pelos pobres moços que precisam de ganhar para comer, mas para evitar o garotio que reúne á sua volta.



Um postal

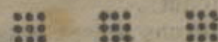
... Snr. Américo Alves Ferreira:

Em V. saúdo a inteligente e humorista redacção de «O Zezista». Agora, de pronto, ao que venho: — é que *alguém dessa casa*, no subscripto do «Zezista» para a minha pessoa, não sei se por distração ou graça, entre o meu abreviado nome Delfim Guimarães entornou um LEITE que me não cai bem na tableta e no... estômago. E, já agora, eu passo a dizer-lhe o meu nome completo: Delfim Gomes Lima da Silva Guimarães. Compridote, hein?... Maior o nome que a propriedade, como soi dizer-se. Mas de LEITE... nada. Basta só Delfim Guimarães e o LEITE é aproveitá-lo para o amamento de pimpolhos sem nome...

Peço mil perdões pela maçada e creia-me muito obrigado por me aturar esta... catturice que não toma dêsse LEITE nem por um decreto...

A's ordens de V.

Delfim Guimarães



Assinaí «O ZEZISTA»



ADIVINHAS

VII

O que é que nasce na devesa
E vem comer com a gente á mesa?

VIII

Não sou frade nem sou monge,
Nem sou de nenhum convento;
Meu fato é de franciscano,
E só de ervas me sustento.

N. da R.

Decifrações: 1.º ás escuras;
2.º a romã.



A DOIDA

Pobre doida!...

Fazia pena vê-la assim andrajosa, esquelética, o cabelo em desalinho, quasi morta de cansaço, arrastando uma vida miserável, á procura de alguém que lhe levasse...

Fôra linda e até formosa. E, como tal, êsses predicados não passaram despercebidos aos diversos galanteadores que freqüentemente a cortejavam.

Entre êles, houve um, a quem ela consagrou todo o seu amor, toda a sua vida.

Ele fingia corresponder-lhe... E todas as noites, a determinadas horas, êle ia entrevistar-se com aquela que, dentro em pouco, havia de ser mais uma vítima dos seus instintos perversos.

Numa dessas noites, êle achou-a mais linda do que nunca. Nos seus olhos havia o fulgor das estrelas e no seu rosto transparecia toda a candura da sua alma sem mácula.

Um desejo constante o assaltava. Chegou-se mais para ela, e, em palavras repassadas de hipocrisia, disse-lhe que a queria fazer feliz. Falou-lhe do futuro e descreveu-lhe um lindo ninho!...

E ela, a pobre ingénua, acreditou-o!...

Nessa noite, no pequeno recinto aonde esse homem tam infamemente mentiu, apenas a lua foi testemunha do que se passou!...

Após isto, e durante mais uns dias, êle continuou a sua repugnante comédia...

Ao fim de uns meses, essa mulher, deu á luz o fruto do seu amor!

Ele agora já não a procurava. E, certo dia, trouxeram-lhe a noticia de que o pai de seu filho ia casar com outra mulher!

Foi a partir de então que começou o calvário dessa mulher que acreditara, cegamente, nas promessas mentirosas do homem que amava!

Uma grande tristeza a invadia. No seu rosto tinha agora estampados de maneira bem visível, o sofrimento e a agonia que lhe iam na alma!

Um estado geral de fraqueza e um mal-estar inexplicável, a faziam sofrer atrocemente.

O único lenitivo para os seus males, era o filhinho, que ela adorava, e em quem punha agora toda a esperança. Mas a morte, espreitava-o, avida. E, um dia, cerrou-lhe para sempre as tenras pálpebras!

Por todas estas crueldades do destino, a pobre mãe perdeu o

A ARCA

De Gabriel D'Annunzio

(Duma versão francesa — por L. Coelho)

Apenas ouviu o ruído das muléttas, Lucas abriu os olhos como se despertasse, irrequietos e ardentes, e voltou-se para a porta á soleira da qual ia aparecer seu irmão.

De rosto chupado pelo sofrimento, devorado de febre, semeado de feridas, aquele tomou instantaneamente um ar duro, quasi de furor. Agarrou convulsivamente as mãos de sua mãe e gritou-lhe numa voz rouca e sofredora.

—Manda-o embora! Manda-o embora! Não desejo vê-lo mais. Ouviste? Não o quero tornar a ver mais, nunca mais. Ouviste? As palavras estrangulavam-se-lhe na garganta.

Sufocado por uma fosse convulsa, apertou mais nervosamente as mãos de sua mãe, e, a cada arranco do peito, a camisa entreabria-se.

Tinha a boca em pismo vomitivo e dava a violência do esforço, fendia e sangrava a crosta das feridas que lhe deformavam o queixo.

A mãe procurou acalmá-lo.

—Não, não, meu filho. Tu nunca mais o tornarás a ver. Farei o que queres. Eu mandá-lo-hei embora, mandá-lo-hei embora... A casa pertence-te, meu filho, é só tua. Compreendes-me?

Lucas acarinhou-a num momento

—Mas, depressa! repetiu com feroz insistencia, soerguendo-se no leito e empurrando a mãe para a porta.

—Sim, filho; vou já...

Daniel apareceu á soleira, dependurado nas muléttas. Era um pobre diabo com cabeça de macrocéfalo. Os seus cabelos, de tão loiros, pareciam brancos. Os olhos eram doces como os dum cordeiro, azuis e debruados por claros cílios. Entrou sem proferir palavra; uma paralisia o tornara mudo.

Mas, no entanto, ele percebeu que os olhos do doente se fixaram em si com uma energia cruel; e parou ao meio do quarto, apoiado nas muléttas, irresoluto, não ousando avançar mais.

uso da razão. Na sua mente atrofiada, existia apenas a ideia de ver o filho deitado num pequenino caixão, coberto de flôres, seguir estrada fóra... sem atinar para onde lho levariam.

Em peregrinação cruciante, ela vagueava noite e dia, á procura daquele que, no seu dizer inconsciente, lhe haviam roubado!...

Triste odisseia a dessa pobre mãe que, ferida no mais recôndito da sua alma, era agora a diversão predilecta do garotão malfazejo.

A perna direita muito curta e torcida, tremia visivelmente.

—O que vem fazer aqui, este estropiado? Manda-o embora! Eu quero que o mandes embora. Ouviste? Depressa!

Daniel compreendeu o que ouvira, e olhou para a madrastra que já se levantava. E de tal maneira a fixou, pondo semelhante súplica no olhar, que ela não teve coragem de o expulsar pela violencia.

Ele então, apoiando-se melhor numa das muléttas, enterrando-a bem no soyaco, com a mão livre desenhou um gesto de desespero e lançou um olhar voraz para a arca do pão, colocada a um canto do quarto. Este olhar queria dizer:

—Eu tenho fome.

—Não, não! Não lhe dê nada! gritou Lucas, agitando-se desesperadamente na cama, e impondo á mulher o seu capricho rancoroso.

Nada! Põe-no lá fóra!

Daniel deixou pender a enorme cabeça para o peito; tremia, os olhos inundados de lágrimas. Quando a madrastra lhe pousou a mão sobre o ombro e o empurrou para a porta, ele rompeu em soluços, e deixou-se empurrar.

Em seguida, encontrou-se no patamar e apercebeu que lhe fechavam a porta, abandonado aos soluços que o sufocavam, violentos e contínuos.

Lucas disse á mãe, num gesto de cólera:

—Ouve-ol? Fá-lo de propósito para que digam que o trato mal.

E o soluçar do irmão continuava, entrecortado de tempos a tempos por um grunhido bizarro, triste como o estertor dum animal de carga prestes a morrer.

—Mas escuta! Depressa! Atira-o ao fundo das escadas!

A mulher se levantou num pulo, correu á porta e levantou sobre o mudo as mãos rudes, habituadas a ferir e a maltratar.

(Continúa)

E por toda a parte, por onde essa infeliz passava, ouvia-se a frase brutal:

—Lá vem a doida!...

Era com esta estúpida expressão que recebiam a pobre mãe, que um homem perverso e mau tinha perdido, irremediavelmente.

Numa manhã de frio enregelante, a doida foi encontrada morta sobre as duras e frias pedras de uma valéttas!... Pobre doida!...

J. Gualberto de Freitas.

CONCURSO DE BELEZA

Eleição de miss Guimarães

4 milhões de cartas na nossa redacção

Continúa despertando vivo entusiasmo a eleição da miss Guimarães, que já temos de sobrolho.

Na nossa redacção teem chovido cartas, sobre cartas, e de esperar é que dadas, as circunstâncias de atrazo na saída do nosso jornal, mais outras se juntem ao aproximado de 4 milhões que já estão em nosso poder, visto que vamos adiar o praso até ao dia 20 do corrente.

E' nosso desejo vincar duma forma iniludível uma beleza vimaranesa.

Queremos que a nossa miss seja a mais formosa e bela deste encantador rincão vimaranesa—e, podendo ser, a mais formosa do mundo.

A fobia das Presidências

Há indivíduos que, sabendo-se vulgares em intellecto, teimam em guindar-se a altos postos, muito embora saibam da triste figura que fazem.

Teimam para vencer—quando não se ridicularizam.

Ora, o caso que se vai contar, passou-se numa associação desta cidade, e garantimos da sua veracidade.

Tendo sido criada uma associação, nesta terra, e tendo necessidade de pedir conselhos a uma entidade congénere, esta respondeu-lhe que tudo seria possível desde que «tivessem vela acesa junto da autoridade administrativa». Concluida a leitura do officio, amigo Banana, perdão, amigo presidente quiz explicar aos seus colegas da direcção o conteúdo do officio. E assumindo ares de sabichão, arengou desta maneira:

«Eu entendo que nós possuímos todos os requisitos para exercer uma acção proveitosa e eficaz neste concelho. Sim, porque VV. comprehendem que assim é, visto toda a gente saber que na Administração do Concelho há lá um lampião e que de noite está sempre aceso.

—E' verdade, atallhou outro da mesma força. Uma gargalhada reboou na sala das sessões, franca e satisfeita.

—¿Porque se riem?—interrogou o presidente estupefacto.

O riso continuou beliscador e desopilante.

—Está encerrada a sessão!